

Revista **EVOLUÇÃO**

Ano IV **37** Fev.
n. 2023
ISSN 2675-2573

EDUCAÇÃO

COOPERAÇÃO

TRANSFORMAÇÃO



Filiada à
ABEC
BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



Platform &
workflow by
OJS / PKP



www.primeiraevolucao.com.br

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano IV - nº 37 - Fevereiro de 2023

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

Colunistas:

Isac dos Santos Pereira

Ana Paula de Lima

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Alecina do Nascimento Santos

André Luiz Dias Leite

Denise Teixeira Menezes

Elizabeth Hama Francisco e Luís Venâncio

Flavia Florencio de Farias

Jucira Moura Vieira da Silva

Juliana Godoi Marques

Leila da Silva Siqueira

Marlene da Silva

Mirella Clerici Loayza

Nair Dias Ramos

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza

Rita de Cássia Martins Serafim

Vera Lucia Meneses de Lima Marques

Vilma Cavalcante Sabino da Silva

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 4, n. 37 (fev. 2023). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2023. 152 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Vol. 1, n. 1 (fev. 2020)

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.37

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS: <https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.37>

A

São Paulo
2023

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Dr. Isac dos Santos Pereira
Prof. Me. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as)** e autores(as) independentes;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

Produzida com utilização de softwares livres



Filiada à:



Platform &
workflow by
OJS / PKP

Google Acadêmico



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

05 NOTA DO EDITOR

Prof. Antônio Raimundo Pereira Medrado

06 3º ANIVERSÁRIO DA REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

07 3 anos da Revista Primeira Evolução

Profª. Patrícia Martins da Silva Rede

08 comemoração dos três anos da Revista Evolução

Profª. Ana Paula de Lima

09 APRESENTAÇÃO

Profª. Dra. Andréia Fernandes de Souza

10 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

12 Refletindo sobre pessoas... aprendendo com elas

Ana Paula de Lima

13 Poema

Emanuelle Valverde

ARTIGOS

1. AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS NO UNIVERSO INFANTIL Alecina do Nascimento Santos	15
2. MESTRE VITALINO E A ARTE EM BARRO André Luiz Dias Leite	23
3. REPRESENTAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO, ALGUMAS REFLEXÕES Denise Teixeira Menezes	35
4. TEORIAS PSICOPEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS Elizabeth Hama Francisco / Luís Venâncio	43
5. A MULHER NEGRA E CAPOEIRISTA EM LUTA PELO SEU PROTAGONISMO Flavia Florencio de Farias	55
6. A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL Jucira Moura Vieira da Silva	69
7. A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO NOS PRIMEIROS ANOS DE ESCOLARIDADE Juliana Godoi Marques	77
8. UNIVERSO INFANTIL: UM OLHAR DO PSICOPEDAGOGO PARA A LITERATURA E SUAS NARRATIVAS Leila da Silva Siqueira	85
9. LUDICIDADE COMO RECURSO PEDAGÓGICO PRESENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL Marlene da Silva	93
10. O MODELO TEACCH COMO FACILITADOR DO TRABALHO PEDAGÓGICO Mirella Clerici Loayza	101
11. A FORMAÇÃO INTEGRAL DO CIDADÃO Nair Dias Ramos	111
12. CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DO APEGO NA EDUCAÇÃO Patrícia Mendes Cavalcante de Souza	119
13. TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E AS METODOLOGIAS ATIVAS Rita de Cássia Martins Serafim	129
14. A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA DE BEBÊS E CRIANÇAS NOS DIVERSOS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL Vera Lucia Meneses de Lima Marques	137
15. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO CIDADANIA EM PRÁTICAS DE LETRAMENTOS Vilma Cavalcante Sabino da Silva	145

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DO APEGO NA EDUCAÇÃO

PATRÍCIA MENDES CAVALCANTE DE SOUZA

RESUMO

Este artigo procura visitar a Teoria do Apego e seus principais criadores, com ênfase em Bowlby, que é o expoente nome desta teoria. A Teoria do Apego é ampla em sua aplicação, pois trata principalmente da criação, educação e desenvolvimento das crianças e as implicações negativas da falta de afetividade nas relações com as crianças no futuro desta. Esta teoria pode ser aplicada tanto na pedagogia, quanto na pediatria, psicologia e mesmo no âmbito familiar, este artigo visa ampliar o olhar para a importância de dar atenção a esta relevante teoria dentro do ambiente educativo, visando a criação de vínculo e ter um olhar sensível para cada criança e seu pequeno universo. Podemos ver que uma educação responsável e comprometida com a infância tem traços e características da Teoria do Apego e que essas crianças que são olhadas e cuidadas com mais carinho e amor, crescem mais confiantes e independentes, trazendo benefícios a todos.

Palavras-chave: Desenvolvimento; Interações; Relacionamentos; Vínculos afetivos;

INTRODUÇÃO

A teoria do apego foi desenvolvida por diversos pesquisadores em meados da segunda guerra mundial, porém a teoria foi disseminada e conhecida pelo John Bowlby (1907-1990), psiquiatra e psicanalista inglês, professor e pesquisador na área médica. Em 1940, começou a publicar trabalhos sobre a criança, buscou estabelecer relações entre o desenvolvimento psíquico e a biologia. Três pilares marcaram suas pesquisas e seu ensino: o apego, a perda e a separação.

Bowlby trabalhou em diversos projetos após a segunda guerra mundial, tais como Consultor de Saúde Mental para a Organização Mundial da Saúde, em decorrência de suas pesquisas com crianças inadaptadas e sem família, investigava as dificuldades de vínculo e como estas eram transmitidas de uma geração para a próxima, bem como suas consequências na vida da criança. Em suma, sua teoria propõe a ideia de que o comportamento de apego é uma estratégia evolutiva e biológica de sobrevivência, para proteger o bebê dos predadores.

Um dos influenciadores de Bowlby foi Donald Winnicott (1896-1971), pediatra e psicanalista infantil. Ambos tiveram várias semelhanças em suas pesquisas, pois foram os primeiros psicanalistas a falar sobre a importância das interações sociais na infância. Segundo eles, os humanos entram no mundo com uma predisposição para serem sensíveis às

interações sociais e necessitam delas para um desenvolvimento saudável. Bowlby afirmava que a pesquisa para a Organização Mundial da Saúde não teria sido possível sem o apoio de Winnicott.

Em 1951, a Organização Mundial da Saúde divulgou o relatório de Bowlby sobre a saúde mental das crianças sem-teto na Europa pós-guerra, em que ele argumentava que o bebê e a criança pequena deviam experimentar um relacionamento caloroso, íntimo e contínuo com sua mãe (ou substituto permanente da mãe), e que não ter esse relacionamento de apego com o bebê podia gerar problemas mentais significativos e irreversíveis consequências para a saúde da criança/adulto. Essa pesquisa revolucionou a área pediátrica, pois influenciou mudanças generalizadas nas práticas institucionais para bebês e crianças, tais como à visita de bebês e crianças pequenas nos hospitais pelos pais, algo que antes não acontecia. Sua teoria sofreu muitas críticas infundadas, porém uma delas impactou a vida das mulheres, pois induziu a pensar que qualquer separação da mãe era prejudicial, o que desencorajava as mulheres de trabalhar e deixar seus filhos na creche. (AINSWORTH & BOWLBY, 1991)

CONCEITOS ELABORADOS POR BOWLBY

A humanização nos hospitais voltados para o atendimento infantil foi uma das mudanças que trouxe a sua teoria, algumas crianças que se hospitalizavam durante os primeiros 18 meses de vida, desenvolviam o “hospitalismo”, um estado de alteração profunda, física e psíquica, que se instala progressivamente nas crianças muito pequenas, em função de um abandono ou de uma temporada prolongada numa instituição hospitalar. Os sinais do hospitalismo manifestam-se por atraso no desenvolvimento físico, por incapacidade de adaptação ao meio social e, às vezes, por um mutismo que se assemelha ao autismo e pode levar à psicose. Nos casos de total carência afetiva, ligada à falta de qualquer vínculo materno, os distúrbios podem chegar à morte. Sua pesquisa e de outros cientistas, nos anos 40, providenciou uma reforma das condições de hospitalização de crianças pequenas.

TEORIA DO APEGO, PERDA E SEPARAÇÃO

De acordo com a teoria do apego, os bebês se conectam a adultos cuidadores que dão carinho, são sensíveis e responsivos nas interações com eles e que permanecem como cuidadores consistentes durante o período de seis meses a dois anos de idade, aproximadamente. Esse padrão de comportamento parental leva ao desenvolvimento de padrões de apego que, por sua vez, conduzem a “modelos internos de trabalho” que guiarão sentimentos, pensamentos e expectativas do indivíduo em relacionamentos futuros.

Na abordagem de Bowlby, considera-se que a criança precisa de uma relação segura com seus cuidadores, pois sem isso o desenvolvimento social e emocional normal não ocorrerá. Por meio desse relacionamento se determinará como o indivíduo se vê, o que afetará sua autoconfiança, autoestima e dependência. A criança se vincula instintivamente a quem cuide dela, com a finalidade de sobreviver, e por meio disso se desenvolve físico, social e emocionalmente. O processo de apego não é específico de gênero, pois os bebês formam vínculos com qualquer cuidador consistente que atenda integralmente suas necessidades. Segundo a teoria, a qualidade do engajamento social parece ser mais influente do que a quantidade de tempo gasto.

Depois de 1950, Bowlby trabalhou com conteúdos cada vez mais biológicos, tinha interesse pela etologia e pela biologia, numa perspectiva darwiniana. Seus conceitos tem por base os campos da psicanálise, biologia evolucionária, etologia, psicologia do desenvolvimento, ciências cognitivas e teoria dos sistemas de controle (BOWLBY, 1989; BRETHERTON, 1992).

Outra pensadora do campo da teoria do apego é Mary Ainsworth (1963), ela investigou fatores determinantes da proximidade/intimidade expressa no comportamento de interação de crianças com suas mães. Após sua pesquisa e publicação do seu estudo, realizado em Uganda, houve uma grande colaboração intelectual entre Ainsworth e Bowlby.

Os trabalhos de M. Ainsworth sobre o desenvolvimento socioemocional durante o início da vida do bebê evidenciou que o modelo de apego que uma pessoa desenvolve ao longo da primeira infância é profundamente influenciado pela maneira como os cuidadores primários o tratam, além de estar ligado a fatores temperamentais e genéticos.

A base da teoria do apego organiza o comportamento em termos de um sistema motivacional, assim, essa abordagem teórica oferece uma base para estudos sobre os afetos e as emoções dos seres humanos, proporcionando um suporte teórico para a compreensão dos processos de desenvolvimento normal e patológico, ao integrar aspectos da biologia moderna ao embasamento de seus estudos. Para J. Crowell & D. Treboux (1995), as pesquisas sobre a Teoria do Apego vem tomando diversas direções, por exemplo: a relação entre as experiências de apego da infância e o comportamento parental, a transmissão cultural dos padrões de apego, o impacto das experiências de apego da primeira infância nos relacionamentos de adolescentes e adultos, o apego entre o bebê e seu cuidador, as noções e comportamentos de apego entre os adultos e o desenvolvimento de patologias e suas evoluções.

Bowlby (1989) considerou o apego como um mecanismo básico dos seres humanos, ou seja, é um comportamento programado biologicamente, como o mecanismo de alimentação e da sexualidade, e é considerado como um sistema necessário de controle do equilíbrio do corpo. O papel do apego na vida dos seres humanos envolve o conhecimento de que uma figura de apego está disponível e sana as necessidades básicas e de carinho e atenção, proporcionando um sentimento de segurança que é fortificador da relação (CASSIDY, 1999).

De acordo com Bowlby, o bebê demanda proximidade dos cuidadores, com o passar do tempo, forma-se um verdadeiro vínculo afetivo, garantido pelas capacidades cognitivas e emocionais da criança, assim como pela consistência dos comportamentos de cuidado, pela sensibilidade e responsividade dos cuidadores, a teoria também pressupõe que as primeiras relações de apego, estabelecidas na infância, afetam o estilo de apego do indivíduo ao longo de sua vida (BOWLBY, 1989).

Outro conceito fundamental é de que a pessoa que foi suprida na infância com comportamento de apego saudável, será mais apta para lidar com o mundo (BOWLBY, 1989; CASSIDY, 1999).

Evidências de que as crianças também se apegam a figuras abusivas sugerem que o sistema do comportamento de apego não é conduzido apenas por associações de prazer, as crianças desenvolvem o comportamento quando seus cuidadores respondem às suas necessidades fisiológicas, mas também quando não o fazem (CASSIDY, 1999). Entretanto, durante todo o ciclo da vida, o comportamento de apego estará presente em variadas intensidades e formas, tais como procurar ou seguir o cuidador; formas aversivas, como chorar, ou ainda por meio de sinais comportamentais que alertam o cuidador para o interesse de interação da criança, como sorrir e verbalizar de modos diversos. Todas essas maneiras são verificadas em crianças, adolescentes e adultos ao buscarem a aproximação com outras pessoas. É o padrão desses comportamentos, que revelam algo acerca da força ou qualidade do apego (AINSWORTH, 1989).

De acordo com J. Bowlby (1989), as experiências precoces com o cuidador primário iniciam o que depois se transformará nas expectativas sobre si mesmo, dos outros e do mundo em geral, com desdobramentos importantes na personalidade em desenvolvimento. H. Waters, C. Hamilton & N. Weinfield (2000) consideram que, com a idade e o desenvolvimento cognitivo, as representações sensório-motoras das experiências de uma base segura na infância é que dão origem à representação mental, por meio de um processo no qual a criança constrói representações cada vez mais complexas, impactando assim não só no desenvolvimento emocional, mas também cognitivo.

W. Furman *et al.* (2002) apontam que o termo *working models* (modelo de funcionamento) foi usado por Bowlby para descrever a forma de representação e as expectativas que guiam o comportamento da pessoa e que é uma espécie de interpretação do comportamento de outras pessoas às quais se é apegado. A criança constrói um modelo interno de si mesma, conforme foi cuidada, mais tarde, esse modelo internalizado trará à criança, quando o sentimento é de segurança em relação aos cuidadores, acreditar em si própria, tornar-se independente e explorar sua liberdade, bem como sentimentos de insegurança, quando ela não foi suprida da forma correta. Desse modo, cada indivíduo forma uma imagem interna a partir das primeiras experiências com as figuras de apego, essa construção é mais forte na primeiríssima infância, mas continua acontecendo ao longo de toda a infância. Sua influência aparece nas primeiras interações sociais e expressa-se nos padrões de apego que teve acesso (BRETHERTON & MUNHOLLAND, 1999).

A função reflexiva da criança possibilita compreender as atitudes dos outros e agir de maneira adaptada em contextos interacionais específicos. Devido a criança, geralmente, ter cuidadores primários que diferem na forma de interagir com elas, as crianças, por sua vez, terão o desenvolvimento e as percepções de seus estados mentais e dos outros, com base na observação que farão do mundo mental dos seus cuidadores (FONAGY & TARG, 1999).

A criança é ativa no seu desenvolvimento e tem um papel construtivo nele. V. Ramires (2003) argumenta que, em razão disso, é necessário que se pense sobre como a criança percebe o que se faz a ela, e não apenas a realidade dos fatos do que lhe acontece, ou seja, muito também dependerá da interpretação da própria criança. Além disso, ocorre uma tendência de recriação, nas relações do indivíduo, ao longo da vida, do padrão de modelo interno de apego primário. Assim, os padrões de apego estabelecidos na infância são duradouros, ao longo de toda vida (BOWLBY, 1989).

O impacto das relações de apego na infância e o papel dos modelos internos de funcionamento é de grande importância no padrão de comportamento ao longo da vida, em uma ampla variedade de situações, incluindo a seleção de um parceiro, a formação de relacionamentos de amizade, a escolha profissional, o sua parentalidade quando adulto, bem como imagem do self,

Em relação ao apego dos adultos, M. Main (2000) distingue-o ao da criança. Durante a primeira infância, o apego caracteriza-se como um interesse em manter proximidade com pessoas específicas e selecionadas pela criança, uma tendência a usar essas pessoas como base segura e referência para a exploração do desconhecido, bem como refúgio e busca de segurança em momentos de medo. Dessa forma, na infância, o apego é considerado seguro ou inseguro com relação à figura de apego. As relações de apego são o resultado da interação entre uma base genética, processos inatos e experiências vividas, modificados ao longo do tempo, essas relações também se modificam, ou seja, pessoas mais maduras formam relações mais complexas do que as relações formadas na infância.

M. Harvey (2000) examinou a relação entre os padrões de apego em adolescentes e o funcionamento da família e apontou que adolescentes que percebem a si mesmos como integrantes de relações familiares equilibradas são considerados com um padrão de apego seguro, dessa forma os valores intelectuais e culturais familiares são adotados para si mesmos.

Constatou-se que adolescentes atravessados pelo padrão de apego seguro são confiantes em seus relacionamentos, generosos e tolerantes com relação a si mesmos e às suas figuras de apego, e considerados como mais estáveis em suas relações amorosas. Já os adolescentes caracterizados como do estilo desapegado/evitativo demonstram não ter necessidade de confiar em outras pessoas e mostram-se realmente desapegados ou não influenciados pelas experiências de apego precoces. Esse padrão desapegado é fortemente associado à depressão, principalmente em mulheres. M. Harvey (2000) sugere que o padrão ansioso/ambivalente ou preocupado/ansioso em adolescentes está relacionado a relatos de conflitos familiares, alto grau de controle entre os membros da família e falta de compreensão da dinâmica do funcionamento familiar, além disso, esses adolescentes sentem que a independência é desencorajada e evitam conflitos e confrontos, mantendo estratégias de comportamento passivas, copiando apenas o comportamento que vê nos outros.

TEORIA DO APEGO E EDUCAÇÃO

Apesar de todo o avanço de ideias progressistas e humanistas, tanto no âmbito social, quanto escolar, ainda há muitas mudanças a serem realizadas para uma educação e criação de crianças mais afetiva. O modelo pedagógico encobriu e ainda tem encoberto, a expressão da afetividade nas relações entre professor e aluno, porém teorias como a de Bowlby mostram o quanto é importante para a criança uma conexão afetiva com a família e a sociedade/escola. O ingresso da criança na escola, precisa ser uma experiência que confere a ela uma sensação de estar em um espaço seguro, para além do mundo familiar, e que proporcione maneiras de entender a si mesma e o mundo de forma mais confiante e conseqüentemente autônoma. O professor tem papel fundamental neste processo, pois ele é a figura externa que mediará um desenvolvimento efetivo e seguro de novas interações afetivas, cognitivas e sociais para a criança

O modelo pedagógico predominante tem, de um modo geral, encoberto a expressão da afetividade nas relações entre professor e aluno, apregoando um modelo ideal de relacionamento hierárquico que postula a transmissão do saber como principal objetivo do ensino, em que mestre e o aluno mantêm certo distanciamento. Todavia, quando se analisam as necessidades de formação dos professores, levando em conta os efeitos do primeiro contato destes com a realidade das crianças por eles atendidas, verifica-se que há uma criação de vínculos afetivos, em que professor se preocupa com seus alunos, além da questão de se eles passarão de ano ou não e que alunos veem na figura do professor, uma figura de confiança e muitas vezes é por meio deste vínculo que acabam, por exemplo, denunciando a escola abusos que sofrem em suas casas.

É importante analisar a questão da afetividade em sala de aula, trabalhando sob possibilidades de estímulo e criação de vínculos pelo viés da psicoeducação, levando em conta as condições de ensino oportunizadas pela escola ao professor.

A escola precisa ser uma experiência e um espaço seguros, para além do mundo familiar, e que oportunize formas de entender a si mesma e o mundo de forma mais autônoma. E que o professor, enquanto larga e sólida figura de referência, possa atuar como mediador seguro no desenvolvimento de novas interações afetivas, cognitivas e sociais para a criança.

A escola, vem a ser uma das principais e primeiras experiências de mundo externo que a criança tem, depois da sua relação com os cuidadores primários, sendo assim, os educadores, como pessoas que aparecem na ampliação do mundo da criança, compõem parte importante e fundamental na estruturação, flexibilização e consolidação de laços afetivos seguros e contínuos para a criança, entendendo que um vínculo seguro não é formado só com a família, mas também com os professores que a criança conhecerá ao longo da vida, podendo este vínculo promover autoconfiança e contribuir para o seu êxito na vida escolar e enquanto adulto (Amado et. al., 2009).

Portanto, a conduta da família e, mais tarde, dos professores, consiste em importantes fatores para a criança, auxiliando-as na construção do seu self. Do contrário, se a informação recebida for negativa, a criança também passará a aprender e se perceber diante das relações e do mundo da mesma maneira.

É de fundamental importância que os educadores sejam capazes de solidificar e construir laços de confiança com o aluno, para a exploração e conhecimento deste de forma eficiente e eficaz (Amado et. al., 2009). Os processos cognitivos e afetivos estão mutuamente inter relacionados e sofrem influência entre si, sendo assim o conceito de zona de desenvolvimento proximal, por exemplo, apresentado por Vygotsky (1998), refere que relações concretas entre pessoas estão associadas ao desenvolvimento das funções superiores, o que torna crucial a ajuda e o apoio promovidos pelo professor, além do simplesmente responder perguntas, mas entender a individualidade de cada aluno e suas necessidades emocionais, como estão no dia, além no olhar obvio de tarefas e cumprimento de demandas e planejamentos. . Além disso, as investigações no campo das neurociências demonstram que sentimentos e consciência/racionalidade não são estranhos e separados, exercendo intenso impacto no processo ensino-aprendizagem (Damásio, 2000 em Amado et. al., 2009).

Considera-se a escola como potencial fonte de bem estar emocional e consolidação e desenvolvimento da personalidade da criança. Uma criança com uma experiência de apego predominantemente inseguro, por exemplo, ao estabelecer relações com outros cuidadores significativos, tais como professores, pode vivenciar experiências positivas e assim melhorar sua autoestima e resiliência, que por meio da família não estava sendo suprida. (Geddes, 2006). Parece necessário promover propostas para reflexão e compreensão em torno da questão afetiva da vida dos professores, dos alunos e da interação entre ambos (Amado et. al., 2009). Para Piaget, 1996 (*apud* De La Taille), não é somente a maturação biológica que explica o desenvolvimento, mas as múltiplas interações que ocorrem com o meio físico e social.

Se, por um lado, a aprendizagem depende de um montante de exigências de ordem técnica, uma vez que o avanço nos conhecimentos e novas tecnologias exigem isso, não se pode deixar de considerar que, por outro viés, o conjunto de características afetivas disponibilizadas na relação professor x aluno, possibilita que os conteúdos mobilizem este último e ative “os mecanismos cognitivos para trabalhar a informação e para que a aprendizagem significativa se efetue” (Gonçalves & Alarcão, 2004, p. 6 em Amado et. al., 2009).

Bell hooks (2017) também mostra como se afastar da dimensão afetiva acaba por nos alijar do processo de criação e como isso faz parte de um projeto colonial e capitalista “Certa vez, perguntei aos alunos: “por que vocês sentem que a consideração que demonstro por um determinado aluno não pode ser oferecida a cada um de vocês? Por que acham que não existe amor ou carinho suficiente para todos?”

As crianças necessitam profundamente de vínculo nos espaços em que transitam e a escola é um desses lugares de muita relevância para elas, sendo assim, é muito importante que professores olhem de maneira abrangente para as necessidades dos alunos, demonstrando não só autoridade em sala, mas principalmente vínculo saudável e afetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teoria do apego pressupõe que os modelos internos desenvolvidos nas relações com as figuras de apego primárias, na primeira infância e ao longo dela, tendem, de maneira geral, a ser estáveis, ou seja, vão perdurar e se generalizar para relações futuras (BOWLBY, 1989).

Considerando que relações estabelecidas na infância afetam o padrão de apego do indivíduo por toda a sua vida (BOWLBY, 1989), e que processos de rompimento de vínculos de apego acarretam transformações nas imagens do self, entre outros fatores (BAKER, 2001), a teoria do apego representa um campo repleto de possibilidades de aplicações, benéficas a áreas dedicadas à compreensão do desenvolvimento humano,

Observa-se uma acentuada relação entre a aprendizagem do aluno e a qualidade da relação educador-criança no que tange à segurança e ao conforto emocional, sobretudo em etapas mais precoces da escolaridade, as quais envolvem disponibilidade afetiva e assecuramento íntegro para a exploração do ambiente (Pianta et al., 1995, em Amado et. al., 2009).

É importante refletir sobre a importância que a sua figura de cuidado e proteção teve em sua infância, aprendendo através dela a perceber e avaliar o mundo, é possível pensar na relevância que isso tem para o aluno em sala de aula. A criança aprende mais e melhor, quando é acolhida e validada em suas explorações, quando entende que tem no professor seu porto seguro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amado, J.; Freire, I.; Carvalho, E.; André, M. J. (2009). O lugar da afectividade na relação pedagógica: contributos para a formação de professores. Sísifo – **Revista de Ciências da Educação**. N. 8. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Isabel_Freire3/publication/28320319_O_lugar_da_afectividade_na_Relacao_Pedagogica_Contributos_para_a_Formacao_de_Professores/links/544050360cf2fd72f99dd589/O-lugar-da-afectividade-na-Relacao-Pedagogica-Contributos-para-a-Formacao-de-Professores.pdf
- Araújo, U. F. (1996). O ambiente escolar e o desenvolvimento do juízo moral infantil. In **Cinco Estudos de Educação Moral**. Casa do Psicólogo. São Paulo.
- Belotti, S.H.A. De Faria, M.A. Relação professor/aluno. (2010). **Revista eletrônica Saberes da Educação**. Vol 1, nº 1. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/salua.pdf> – Acesso em 25 de outubro de 2017.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (1999). **Internal working models in attachment relationships**. Em J. Cassidy & P. R. Shaver (Orgs.), *Handbook of attachment: Theory, resear*
- Bowlby, J. (1989). **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego** (S. M. Barros, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1988)
- Bowlby, J. (1990). **Apego e perda, Vol 1. Apego: a natureza do vínculo** (2ª ed). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969)
- Bowlby, J. (1997). **Formação e rompimento dos laços afetivos** (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979)
- Casellato, G. (2012). **Bullying Escolar: onde mora o perigo? Uma reflexão com base na Teoria do Apego sobre a dinâmica agressor/agredido**. O mundo da saúde. São Paulo.
- Cassidy, J. (1999). The nature of the child's ties. Em J. Cassidy & P. R. Shaver (Orgs.), **Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications** (pp. 3-20). New York: Guilford.
- Costello, P.C. (2013). **Attachment- Based Psychotherapy Helping Patients Develop Adaptive Capacities**. APA.
- Dalbem, J. X.; Dell'Aglio, D. D. (2005). **Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento**. Arq. bras. psicol. v.57 n.1 Rio de Janeiro. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100003
- De La Taille, Y. (1998). **Limites: três dimensões educacionais**. Editora Ática. São Paulo.
- Estrela, M. T. (2002). **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula**. Porto: Porto Editora.
- Ferraz, R.D.C.S.N. Ristum, M. A. (2012). Violência psicológica na relação entre professor e aluno com dificuldades de aprendizagem. **Psicol. educ.** no.34 São Paulo. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752012000100007 – Acesso em 20 de outubro de 2017.
- Freddo, T. M. (2004). **Um olhar, pela dimensão afetiva, sobre o sujeito que aprende: vínculos e afeto em consonância com a aprendizagem escolar**. Universidade de Passo Fundo. Disponível em: <http://docplayer.com.br/11124460-Um-olhar-pela-dimensao-afetiva-sobre-o-sujeito-que-apreende-vinculos-e-afeto-em-consonancia-com-a-aprendizagem-escolar.html>
- Fonagy, P. (1999). Persistências transgeracionais del apego: Uma nova teoria. **Revista de Psicoanálisis**. Aperturas Psicoanalíticas, 3. Retirado em 29/11/2007, de <http://www.aperturas.org/23fonagy.html>
- Geddes, H. (2006). **Attachment in the Classroom**. Worth Publishing LTD.
- Hooks, bell. **Ensinando a transgredir**. 2ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2017.
- Krueger, M.F. (2003). **A relevância da afetividade na educação infantil**. Instituto Catarinense de pós-graduação. Disponível em www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-04.pdf – Acesso em 31 de outubro de 2017.
- Harvey, M. (2000) **Relationships between adolescents' attachment styles and family functioning. Adolescence**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v57n1/v57n1a03.pdf> >. Acessado em 2022.
- Main, M. (1999). Attachment theory: Eighteen points with suggestions for future studies. Em J. Cassidy & P. R. Shaver (Orgs.), **Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications** (pp. 845-888). New York: Guilford.
- Main, M. (2000). The organized categories of infant, child and adult attachment: Flexible vs. inflexible attention under attachment-related stress. **Journal of the American Psychoanalytic Association**. 48, 1055-1127.

Parolin, I. C. H & Küster, S.M.G. S (2010). **As Emoções e os Estilos de Aprendizagem no Processo de Ensinar/Aprender.**

Piaget, J. (1996). **Os Procedimentos da Educação Moral. In Cinco Estudos de Educação Moral.** Casa do Psicólogo. São Paulo.

Ramires, V. (2003) Cognição social e teoria do apego: Possíveis articulações. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 16, nº 2, pp. 403-410.

Ribas, A. F. P. & Moura, M. L. S. (2004). **Responsividade Materna e Teoria do Apego: Uma Discussão Crítica do Papel de Estudos Transculturais.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v17n3/a04v17n3.pdf>.

Rosa, R.; Martins, F. E.; Gasperi, B. L.; Monticelli, M.; Siebert, E. R. C.; Martins, N. M. (2010). **Mãe e filho: os primeiros laços de aproximação.** Ver. Enferm. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n1/v14n1a16>

Tassoni, E.C.M. (2000). **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno.** Universidade Estadual de Campinas e Escola Comunitária de Campinas. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/44850674/ANPEd_2000.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1509112703&Signature=WefLsEMsvhDd8Tj1Bkg1RQGTJSU%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DAFETIVIDADE_E_APRENDIZAGEM_A_RELACAO_PRO.pdf acesso em 27 outubro de 2017.

Winnicott, D. (2000). **Da pediatria à psicanálise** (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1978)

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE, SP. Bacharel e Licenciada em Letras pela Universidade São Judas Tadeu, SP. Bacharel em Administração pela Faculdade Álvares Penteado, FECAP, SP. Pós-graduada *latu-senso* em Práticas Educativas, Criatividade, Ludicidade e Jogos pela Faculdade de Educação Paulistana, FAEP. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



ORGANIZAÇÃO:
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):
Alecina do Nascimento Santos
André Luiz Dias Leite
Denise Teixeira Menezes
Elizabeth Hama Francisco / Luís Venâncio
Flavia Florencio de Farias
Jucira Moura Vieira da Silva
Juliana Godoi Marques
Leila da Silva Siqueira
Marlene da Silva
Mirella Clerici Loayza
Nair Dias Ramos
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza
Rita de Cássia Martins Serafim
Vera Lucia Meneses de Lima Marques
Vilma Cavalcante Sabino da Silva



Produzida com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

